

Criando o espaço



Criando o espaço

Temas em comum, aprendizados e caminhos a seguir para as pessoas envolvidas no desenvolvimento das organizações LGBTI

Edição em inglês:	Tom Johnston
Tradução ao espanhol:	Darinka Mangino y Anabel Gómez
Tradução ao português:	Cláudio Tavares
Desenho:	Luiz DeBarros
Charges:	Auke Herrema

Citar como: Criando o espaço: Temas em comum, aprendizados e caminhos a seguir para as pessoas envolvidas no desenvolvimento das organizações LGBTI. Langen, B (ed.), W. Banks, J. Bruinsma, J. Cruz Diez Beltrán, G. Dütting, K. Kraan, W. Muguongo e H.M. Kinyili, Amsterdã/Pretória 2012.



Esta obra é publicada utilizando Creative Commons 3.0.

É permitido compartilhar (copiar, distribuir e transmitir a obra) e editar (adaptar a obra) este documento de acordo com as seguintes condições:

- **Reconhecimento** a autoria do trabalho deve ser atribuída na forma em que foi especificada anteriormente (mas não de tal forma que sugira que os autores compartilham a sua opinião ou uso que você faz da obra).
- **Sem fins de lucro** Não pode utilizar esta obra com o intuito de obter lucros.
- **Todos por igual** se alterar, transformar ou criar com base nesta obra, pode distribuir o resultado somente sob esta mesma autorização ou uma autorização semelhante.

Compreendendo que:

- **Renúncia** pode-se renunciar a qualquer uma das condições descritas acima no caso de obter a autorização do titular dos direitos autorais da obra.
- **Domínio público** Dado o fato de que a obra ou qualquer um dos seus elementos são do domínio público segundo as leis aplicáveis, esta condição não será atingida de forma alguma por esta licença.
- **Outros direitos** Os direitos relacionados a seguir não serão atingidos em forma alguma pela licença: Os direitos do trato justo ou do uso justo ou outras exceções e limitantes aplicáveis aos direitos autorais; os direitos morais de autor; os direitos que outras pessoas possam ter – sejam sobre a obra em si ou sobre como esta é utilizada – tais como a publicidade ou o direito à privacidade.

Agradeceríamos receber uma cópia ou um aviso sobre qualquer reimpressão ou consulta desta obra. Sua opinião e comentários podem nos ajudar a melhorá-la, já que temos a intenção de avaliar a sua utilidade no futuro. Por favor, envie seus comentários para: bramlangen@yahoo.com.

Índice

Introdução	2
Agradecimentos	8
Sobre os autores	12
Panorama geral dos temas atuais: Resultados da pesquisa online (Bram Langen)	16
Vamos fazer a diferença: Como desenvolver e financiar as nossas estratégias organizacionais (Warren Banks)	28
A liderança LGBTI (Karen Kraan)	48
A identidade LGBTI e o funcionamento dos grupos (Jan Bruinsma)	58
Dinâmicas das organizações LGBTI (Wanja Muguongo e Happy Mwendé Kinyili)	66
As parcerias e suas dinâmicas: organizações LGBTI que trabalham unidas para alcançar mudanças tangíveis (Gisela Dütting)	76
Pessoas e organizações LGBTI em ambientes hostis (Juan Cruz Díez Beltrán)	90
Anexo: Charges	104

Introdução

Uma miríade de grupos, movimentos e organizações¹ LGBTI² está trabalhando para melhorar a vida das minorias sexuais em todo o mundo. Atualmente existem mais oportunidades do que nunca antes para que as organizações LGBTI façam a diferença no mundo: através do empoderamento, da incidência política em favor dos direitos humanos, ao programar intervenções relativas à prevenção, tratamento e cuidado do HIV, ao incorporar as necessidades da comunidade LGBTI nos sistemas de saúde convencionais, etc. No entanto, para isto é necessário ter organizações LGBTI proativas, fortes e sustentáveis.

A injustiça, o estigma e as necessidades são tão grandes que as organizações normalmente estão focadas no desenvolvimento e na realização de programas e participações. Pode ser difícil achar o tempo e a energia necessários para parar um pouco no caminho para refletir. E se chegar o caso de que os integrantes destas organizações consigam fazer uma parada no caminho para refletir sobre a sua prática, tentando determinar os êxitos e os aprendizados, examinarão seus programas e atividades em campo, mas poucas vezes se focarão em seus processos organizacionais.

Escopo desta publicação

No decorrer dos anos, as pessoas envolvidas neste setor conseguiram adquirir uma quantia importante de conhecimento implícito sobre a forma como as organizações trabalham, se relacionam entre si e sobre como é que se desenvolvem. Esta publicação recolhe algumas das suas práticas, e explica concretamente o que temos aprendido em matéria de organização. A difusão destes conhecimentos ajudará a todos os profissionais que de alguma forma estão envolvidos no afazer das organizações LGBTI, sejam ativistas, fundadores, potenciadores do desenvolvimento, vínculos, programadores, membros dos grupos de incidência política ou qualquer outra função ou combinação de funções. Depois de ler (parte de) esta publicação, esperamos que vocês possam se sentir inspirados, ilustrados, estimulados, preocupados ou motivados. Temos a esperança de que qualquer um destes sentimentos, combinados com os aprendizados, os conselhos e as dicas que aparecem nesta publicação sejam a origem de mais mudanças positivas na instituição, na organização e no movimento LGBTI, ou outros nos que vocês participem.

As organizações e os grupos de LGBTI não são diferentes de outras instituições organizadoras; os mecanismos que estão em jogo no seio das organizações LGBTI e entre elas são os mesmos que em qualquer outra organização. As organizações LGBTI nascem, crescem e morrem como qualquer outro organismo; conseguem resultados, lutam, sofrem, riem, vinculam-se entre si, compartilham e aprendem da mesma forma como o faz qualquer outra organização. Esta publicação destaca os aspectos positivos, as fortalezas e as oportunidades; celebra os êxitos, o impulso e a energia da gente que forma parte do movimento LGBTI. Isto não quer dizer que deixe de lado todo aquilo que não funciona como deveria, ou as ameaças que enfrentam ao organizar-se. Esta publicação também

1. Na presente publicação, estes grupos incluem organizações e instituições organizadoras que não se identificam como organizações LGBTI, mas que trabalham diretamente com as necessidades da comunidade LGBTI (ou parte dela).
2. Para facilitar a sua leitura, esta publicação utiliza sistematicamente o termo LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais), o que não quer dizer que pretendamos ignorar a outras orientações ou identidades com as que as pessoas preferam se referirem a si mesmos, como trans, travestis, transexuais, queers ou qualquer outra.

examina os desafios, mas desde uma perspectiva construtiva e de reconhecimento.

Sabemos que os contextos e as formas de organização da comunidade LGBTI diferem amplamente segundo a região e o país de que se trate. As pessoas envolvidas tomam diversas decisões, seja consciente ou um pouco inconscientemente, no que diz respeito aos objetivos, os grupos beneficiários, os temas de interesse, os níveis de estrutura e o grau de formalidade que querem alcançar, a cultura organizacional e os princípios regentes. No desenvolvimento desta publicação, os autores tentaram considerar todas estas diferenças, ao tempo que procuraram as coincidências e os conhecimentos que os leitores poderiam achar de utilidade, depois de adaptadas ao seu próprio contexto específico.

Processo

No desenvolvimento dos artigos que aqui se apresentam, os autores utilizaram um processo de quatro passos para assegurar-se de compreender da melhor forma possível os temas que nos ocupam, e conhecer a profundidade suas causas, diferentes aspectos, desafios e caminhos a seguir.

1. Com base em sua prática internacional, a Fundação Schorer solicitou uma lista preliminar que incluísse todas as perguntas, os temas e os aprendizados obtidos durante os últimos anos sobre o que implica ser uma organização LGBTI e receber apoio como tal. Solicitar ideias foi útil para poder atribuir um contexto ainda maior a estas perguntas. Como a Schorer percebeu que esta compreensão e prática somente representavam uma parte da realidade, convidou a outras pessoas envolvidas com as organizações LGBTI para que elas também dissessem quais seriam os temas que elas consideravam essenciais para o desenvolvimento do setor.
2. De início fizemos uma pesquisa online, na qual participaram aproximadamente 200 pessoas que compartilharam as suas experiências, prioridades e ideias (o primeiro artigo apresenta um panorama geral de alguns dos resultados desta pesquisa). A pesquisa online foi de grande ajuda para explorar e melhorar a compreensão conjunta dos participantes e da Fundação Schorer, e foi utilizada como ponto de partida para gerar um diálogo pessoal mais exaustivo.
3. No dia 10 de outubro de 2011 foi realizada em Amsterdã uma oficina com 30 participantes, provenientes do Norte e do Sul do planeta. Todos os participantes tinham experiência pessoal no trabalho, suporte e acompanhamento de organizações e grupos LGBTI durante o seu desenvolvimento. A oficina tinha o objetivo de identificar, discutir e analisar alguns dos temas comuns, as aprendizagens e a melhor maneira de proceder em relação com o desenvolvimento das organizações LGBTI. No decorrer dos trabalhos surgiram vários outros temas e perguntas que se organizaram, ajustaram, reorganizaram, agruparam e reagruparam ao redor de vários temas centrais. Mais adiante estes temas foram desenvolvidos mais profundamente para compreender melhor as suas causas, gerar possíveis soluções e compartilhar as melhores práticas.

4. Ao dia seguinte da oficina, uma equipe de escritores participou de outra oficina de redação, para trabalhar sobre os temas centrais e desenvolver juntos a estrutura dos artigos. A seleção dos escritores se apoiou em certos critérios, tais como a sua experiência no setor LGBTI e na prática do desenvolvimento organizacional, a sua capacidade para escutar aos outros, a sua capacidade de análise e de síntese e a sua disponibilidade para participar da oficina e escrever um artigo nos meses posteriores. Todos os escritores eram parte da rede internacional da Fundação Schorer e foram selecionados por suas comprovadas habilidades de redação e por sua capacidade para trabalhar em equipe com outros escritores.

A oficina de redação também ofereceu aos participantes a oportunidade de definir com clareza o propósito desta publicação; identificar o perfil dos leitores alvo específicos, assim como para acordar o tom e a terminologia que seriam utilizados. Posteriormente, os escritores desenvolveram o primeiro rascunho dos seus artigos e repartiram cópias entre os membros da equipe de redação para ter certeza de que os escritos continham uma visão geral e coerente do tema, bem como para evitar omissões, coincidências ou repetições.

O primeiro rascunho de cada artigo foi entregue ao menos a três colegas revisores, os que na sua maioria tinham participado da oficina do dia 10 de outubro; pediu-se a aos revisores que fizessem uma crítica construtiva sobre a clareza, a utilidade e a pertinência para os leitores alvo, e sobre que tão lógicos e completos eram estes artigos. Os escritores revisaram seus respectivos artigos com base nestas revisões dos pares e elaboraram as versões finais, tal e como aparecem na presente publicação.

Limitações

O processo selecionado e a publicação derivada do dito processo tiveram várias limitações. Os autores têm plena consciência destas limitações e gostariam de colocá-las aqui. Foi impossível obter comentários de todos os profissionais que participam do movimento LGBTI. Os fundos disponíveis só permitiram que um reduzido número de pessoas participasse da oficina em Amsterdã. A seleção dos participantes preferiu a aqueles que participavam da rede de organizadores, o que possivelmente signifique que aqueles que em última instância participaram da oficina tinham relativamente maior experiência nas reuniões formais que nas informais, que as pessoas LGBTI que vivem com o HIV provavelmente tiveram pouca representatividade e que houve um maior intercâmbio de experiências sobre o trabalho no seio das organizações e entre estas no Sul global em comparação com aquelas localizadas no Norte do planeta.

Embora não conseguimos obter uma representação plena, seja lá o que for o que isto queira dizer, convidou-se a um grupo heterogêneo de pessoas a participar desta oficina. Tratou-se de pessoas do Sul e do Norte global, e houve participantes que já tinham colaborado com grupos LGBTI e participantes que trabalhavam em grupos e organizações LGBTI. Esta publicação não pretende ser mais do que é: a reunião das reflexões e dos pensamentos de oito escritores, com base nas opiniões, pensamentos e reflexões de umas 200 pessoas que responderam uma

pesquisa online e de aproximadamente 30 participantes de uma oficina de um dia. Esta publicação não tem a sua base em um corpo de investigação exaustivo da prática em campo nem da literatura.

Tendo estas limitações todas em mente, a presente publicação não procura de forma alguma dar uma representação concludente nem objetiva do desenvolvimento no setor LGBTI. A sua intenção não é falar pelo movimento, mas dizer que este trabalho se desenvolveu através dos olhos, os ouvidos e as bocas das pessoas que são parte do movimento. O setor LGBTI está sujeito a mudanças constantes e a nossa perspectiva é limitada por definição. Esta publicação se apoia nas ideias e experiências dos escritores e daqueles que participaram da pesquisa e da oficina.

Panorama geral dos artigos

A “criação de um espaço” resultou ser um tema central neste processo, não só no sentido de criar espaços para que a gente se reunisse e adquirisse um compromisso com os temas em questão ou para gerar espaço e tempo para a reflexão, mas também no que diz respeito aos artigos que foram elaborados. Os artigos fazem referência à criação do espaço que estas organizações necessitam dentro de seus respectivos contextos e vínculos com o mundo exterior, e também à criação de um espaço para trabalhar juntos no seio do movimento e/ou do setor.

No primeiro artigo os leitores podem achar informação sobre as circunstâncias sob as quais foram obtidos os resultados da pesquisa online realizada no início deste processo. No segundo artigo Warren Banks coloca o seu foco nas diferentes formas que as organizações LGBTI têm para organizar-se, para mudar, modificar-se e ressurgir. Karen Kraan desenvolve o tema central da liderança LGBTI no seio das organizações no terceiro artigo; enquanto que no quarto artigo, Jan Bruinsma explora o significado da identidade e das dinâmicas dentro e fora do grupo. Wanja Muguongo e Happy Mwendé Kinyili estabelecem um diálogo sobre a cooperação e a competência dentro do movimento no quinto artigo, entanto que, no sexto artigo, Gisela Dütting explora a posição das instituições organizadoras LGBTI dentro de um movimento mais amplo em favor das mudanças na sociedade. No último artigo, Juan Cruz Díez Beltrán analisa a hostilidade e o entorno externo.

No anexo incluímos as charges criadas por Auke Herrema durante os trabalhos da oficina de Amsterdã. Auke desenhava estes cartões ao mesmo tempo em que escutava o andamento das conversações do dia, para resumir os debates, fomentar o diálogo e dar pé a uma reflexão maior sobre tudo o que era comentado.

Agradecimientos

A presente publicação foi possível graças à contribuição de muitos profissionais envolvidos na área do desenvolvimento organizacional e do movimento LGBTI. Gostaríamos de agradecer a todos os que participaram da oficina realizada em Amsterdã durante o mês de outubro de 2011: Amira Herdoíza (Corporação Kimirina, Equador), Andy Seale (Fundo Global para a Luta contra a AIDS, Tuberculose e Malária, Suíça), Cheick Traoré (PNUD, USA), Bouko Bakker (Fundação Schorer, Países Baixos), Colin Dixon (Dance4Life, Países Baixos), Cristina Câmara (Consultora Independente, Brasil), Dawie Nel (OUT Well being, África do Sul), Gisela Dütting (Consultora Independente, Países Baixos), Ian McKnight (CVC, Jamaica), Jan Bruinsma (Consultor Independente, Países Baixos), José Pauw (Fundação Schorer, Países Baixos), Juan Cruz Diez Beltrán (Consultor Independente, Argentina), Karen Kraan (Consultora Independente, Países Baixos), Kent Klindera (AmFAR, USA), Midnight Poonkasetwatana (Purple Sky Network, Tailândia), Nur Rokhmah Hidayati (Results in Health, Países Baixos), Pato Herbert (Fórum Global sobre HSH e HIV, USA), Samuel Matsikure (GALZ, Zimbábwe), Sara Brewer (Resultados de Saúde, Países Baixos), Tanne de Goei (Consultor Independente, Países Baixos), Theo Santfort (Columbia University, USA), Toni Reis (AGLBT, Brasil), Wanja Muguongo (UHAI- 2 Iniciativa do Leste da África sobre Saúde e Direitos Sexuais, Quênia), Warren Banks (Consultor Independente, África do Sul).

Da mesma forma queremos agradecer às 191 pessoas que responderam o questionário online que circulou na internet como parte da preparação para essa oficina.

Pessoalmente, eu gostaria de transmitir a minha sincera gratidão a cada um dos escritores pelo seu compromisso e trabalho duro no desenvolvimento desta publicação: Warren Banks, Jan Bruinsma, Juan Cruz Diez Beltrán, Gisela Dütting, Karen Kraan, Happy Mwendé Kinyili e Wanja Muguongo. Obrigado por sua inspiração, espírito e bom humor. Estes processos, nos que a gente se compromete e se escuta de verdade, são muito estimulantes; constituem os momentos nos quais se aprende e nos que nasce o novo conhecimento. Agradeço a sua abertura e confiança, bem como a sua disposição para compartilhar as suas opiniões com os outros escritores e a integrar as valiosas observações que receberam a respeito de seus artigos por parte dos colegas revisores.

Colocamos aqui também o nosso agradecimento aos revisores, pelas observações críticas e construtivas que deram aos escritores. Obrigado por seu tempo e energia neste processo. Estes artigos aumentaram a sua relevância, alcance e profundidade graças aos seus comentários. Os revisores foram: Bouko Bakker (Fundação Schorer), Cristina Câmara (independente), Colin Dixon (Dance4Life (Dançando pela Vida)), Amira Herdoíza (Corporação Kimirina), Nur Hidayati (Results in Health (Resultados de Saúde)), Kent Klindera (AmfAR), Dawie Nel (OUT Well-being (Bem-estar OUT)), Toni Reis (AGLBT, Brasil) e Cheikh Traoré (PNUD).

Muito obrigado a Auke Herrema pelas charges que fez durante o processo, que nos ajudaram a centrar o foco, nos fizeram rir e fomentaram o debate na oficina de Amsterdã. Obrigado a Cláudio Tavares pela sua tradução ao português. Esta publicação e o processo que a viu nascer foram possíveis graças ao apoio financeiro do PSO Capacity Building

in Developing Countries (PSO Desenvolvimento de Capacidades nos Países em Vias de Desenvolvimento) e do Ministério das Relações Exteriores dos Países Baixos.

Amsterdã/Pretória, junho de 2012.

Bram Langen

bramlangen@yahoo.com



2

What are the Challenges for our sustainable growth in the next 5 years? How do we manage the risks? How do we manage the risks? How do we manage the risks?

CIRCUMCISION
4
50%
EVI

Sobre os autores



Warren Banks tem trabalhado profissionalmente em matéria de desenvolvimento organizacional e como facilitador independente desde 2003. Anteriormente trabalhou como profissional de desenvolvimento organizacional e instrutor da Olive (Organization, Development and Training). Atualmente colabora com a Footsteps, uma associação de profissionais em matéria de desenvolvimento com sede em Durban, na África do Sul. (Para obter maiores informações sobre a Footsteps ou sobre como ter acesso às suas publicações, várias das quais são mencionadas no artigo, visite o site: www.footsteps.org.za). Warren tem colaborado com várias organizações LGBTI na África do Sul e também tem apoiado uma ampla variedade de organizações da sociedade civil, doadores, projetos e iniciativas com participações diversas de outros setores no Sul, Oriente e Ocidente da África e na Europa. Além da consultoria em desenvolvimento organizacional, seus interesses específicos incluem a mudança integral dos sistemas, o desenvolvimento de estratégias, o trabalho relacional e a escritura. Mora com o seu companheiro, o ator e diretor de teatro Peter Court, em uma pequena reserva de animais selvagens em Durban, África do Sul. Se desejar contatar a Warren para lhe fazer alguma observação sobre o seu artigo, ou para contratar os seus serviços, pode lhe enviar um correio eletrônico para: wjbanks@polka.co.za ou wjbanks123@gmail.com.



Jan Bruinsma é consultor, assessor e instrutor de alto nível. Tem mais de 20 anos de experiência, tanto em nível nacional quanto internacional, no desenvolvimento das capacidades humanas, organizacionais e institucionais. Já esteve a cargo da supervisão e avaliação do desempenho e impacto de vários projetos e programas de desenvolvimento. Como parte das suas responsabilidades desenvolveu a capacidade no seio das instituições do governo e de organizações não governamentais; aperfeiçoou sistemas e procedimentos internos e orientou ao pessoal e à administração na implementação de mudanças. Jan Bruinsma enriquece a administração democrática dentro de um ambiente multicultural; recorre à sua criatividade para procurar novas ideias e soluções, e tem a capacidade de combinar o nível prático com o político e de contribuir aos dois. Possuidor de uma mistura ideal de capacidades profissionais, críticas, e de uma atitude autocrítica, Jan Bruinsma contribuiu com programas para o desenvolvimento na Ásia e na África, assim como na ex-Iugoslávia e em outros países que antes eram membros da União Soviética. Para entrar em contato com Jan, e lhe enviar observações sobre seu artigo, escreva um correio eletrônico para: janbrui@gmail.com.



Juan Cruz Diez Beltrán nasceu na Argentina em 1973. Pouco depois de formar-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, saiu do seu país de origem para trabalhar na República Democrática do Congo; posteriormente se estabeleceu em Moçambique, onde trabalhou no setor do HIV até 2010. Depois de fazer um mestrado em Saúde Pública no VU/Royal Tropical Institute (VU/Instituto Real dos Trópicos) em Amsterdã, decidiu ficar morando nos Países Baixos. Entre seus outros interesses achamos o cinema de arte, a fotografia e a música pop dos oitenta. Se desejar entrar em contato com Juan, escreva um correio eletrônico para: jcdiezbeltran@gmail.com.



Gisela Dütting é pesquisadora independente e ativista; mora nos Países Baixos. Antropóloga de profissão, especializou-se em movimentos sociais, gênero e justiça econômica; trabalhou com sindicatos, campanhas internacionais, com redes de incidência política e com grupos de mulheres no mundo inteiro. Atualmente, é membro do conselho de administração do Transnational Institute (Instituto Transnacional), membro do conselho de LOVA, Netherlands Association for Gender Studies and Feminist Anthropology (Associação para Estudos de Gênero e Antropologia Feminista dos Países Baixos), e é pesquisadora filiada ao Aletta Institute for Women's History (Instituto Aletta para a História das Mulheres) em Amsterdã. Para enviar os seus comentários a Gisela sobre o artigo ou para contratar os seus serviços, escreva para: gisela@xs4all.nl.



Happy Mwende Kinyili's luta para identificar, nomear e enfrentar o mal que permeia nossas realidades. Para isto, trabalha duro para construir um mundo sem a opressão ocasionada pelas distintas formas de maldade e no qual construir uma comunidade alternativa apoiada no amor revolucionário, a esperança contagiosa e a verdade emancipadora.



Karen Kraan é facilitadora e instrutora de alto nível, administradora interina, arrecadadora de fundos e administradora de projetos, principalmente no setor sem fins de lucro; contribuiu com projetos e programas na Europa, Europa Oriental, Ásia central, Sul e no Leste da África e no Sudeste da Ásia. Karen está especializada nas populações chave e nos grupos vulneráveis, permanecendo ativa dentro do setor internacional LGBTI e em representação do mesmo durante mais de uma década. Desde o ano de 2010, Karen trabalha como profissional independente em Flowz (www.flowz.eu). "Flowz" significa "Busca de soluções possíveis, originais e de longo prazo" ("Finding Long-term Original Workable Solutions") e essencialmente concentra todas as atividades, trate-se de ONGs, OBCs, doadores, empresas governamentais (locais) ou sociais. Karen fica entusiasmada com a ideia de poder contribuir para a melhoria da estratégia e da administração das ONGs. Recentemente, participou no desenvolvimento, e trabalhou como administradora inicial de, Aproximando as distâncias: Saúde e Direitos para as Populações Chave (Bridging the Gaps: Health and Rights for Key Populations), o programa mais importante para as comunidades chave no mundo, financiado pelo Ministério de Saúde dos Países Baixos. Karen mora com a sua companheira na cidade de Amsterdã, na Holanda. Para entrar em contato com Karen e lhe enviar as suas observações sobre o artigo ou contratar os seus serviços, escreva um correio eletrônico para: info@flowz.eu.



Bram Langen já trabalhou em projetos internacionais da Fundação Schorer como diretor de programas desde o ano de 2008, colaborando com as organizações associadas na América Latina, no Sul e Oriente da África. Obteve a sua experiência como profissional sobre desenvolvimento organizacional em Olive (Organisation Development and Training) e como facilitador da aprendizagem dentro da associação PSO Capacity Building in Developing Countries. Atualmente Bram mora com o seu companheiro em Pretória, na África do Sul, e desde ali trabalha para COC Países Baixos, como coordenador de projetos internacionais. Para entrar em contato com Bram, escreva um correio eletrônico para: bramlangen@yahoo.com.



Wanja Muguongo é feminista queer da Quênia com um posicionamento claro em favor dos direitos humanos e da justiça social. Sua paixão e ativismo se focam na luta pela igualdade, a não discriminação e no crescimento das vozes das populações marginadas, particularmente nas comunidades LGBTI e dos trabalhadores sexuais da África. A posição da Wanja como diretora executiva fundadora do primeiro fundo para as minorias sexuais de orientação indígena e administrado por ativistas lhe tornou em um elo chave para o fortalecimento e base para o crescimento dos movimentos LGBTI e de trabalhadores sexuais na região do Leste da África. Para entrar em contato com Wanja, mande um correio eletrônico para: wmuguongo@yahoo.com ou para wanja@uhai-eashri.org.

Creando espacio

Em qualquer reunião de uma organização LGBTI na qual haja cinco pessoas:

- Uma é a sua melhor amiga
- Uma já foi a sua melhor amiga
- Uma é a sua última amante
- Uma é a sua amante em turno
- Uma será sua próxima amante.

É obvio que esta piada é velha e há muitos outros estereótipos como este sobre como funcionam, vivem, lutam, constroem, sofrem, se desenvolvem, crescem, acabam, incidem e celebram o nosso movimento e as nossas organizações. Mas como se desenvolvem as nossas organizações na situação atual? Em que tipo de cenário estamos trabalhando? Quais são os temas comuns e os aprendizados? Como podemos avançar?

Esta publicação, criada a partir da contribuição de profissionais em movimentos LGBTI e em desenvolvimento organizacional contribuem com respostas e pontos de vista que serão úteis e relevantes para qualquer pessoa que participe nas organizações LGBTI.

Criando o espaço está focado em seis áreas da criação de organizações identificadas como chave no desenvolvimento das organizações LGBTI:

- Vamos fazer a diferença: Como desenvolver e financiar as nossas estratégias organizacionais
- A liderança LGBTI
- A identidade LGBTI e o funcionamento dos grupos
- Dinâmicas das organizações LGBTI
- As parcerias e suas dinâmicas: organizações LGBTI que trabalham unidas para alcançar mudanças tangíveis
- Pessoas e organizações LGBTI em ambientes hostis



Para baixar o livro completo (artigos e charges) visite o site <http://creatingspacelgbti.wikispaces.com/portugues>. A presente edição está disponível em inglês, espanhol e português.

Esta Publicação e o processo editorial foram possíveis graças ao PSO, Desenvolvimento Institucional nos Países em Vias de Desenvolvimento e ao Ministério das Relações Exteriores.